

Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos

Maria Aparecida Resende Ottoni¹, Gerson de Sousa², Maria Cecília de Lima³, Lorraine Cássia Silva de Oliveira⁴, Thaís Rodrigues Martins⁴

Resumo

Neste texto, apresentamos os resultados parciais do projeto de extensão “Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos”, que é parte do programa “Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia, por professores dos cursos de Letras e de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) e por alunas do curso de Pedagogia. Nosso objetivo é dar voz a idosos, internos em uma Instituição de Longa Permanência (ILP), possibilitando-lhes um espaço para contar suas histórias de vida, percorrendo uma trajetória que lhes possibilite, no reviver de lembranças e reminiscências, pensar sobre o vivido num processo que envolve passado, presente e novas perspectivas para o futuro. Com isso, buscamos contribuir para o fortalecimento identitário do idoso e do grupo. Acreditamos que, ao contar e ao ser ouvido, o idoso está socializando conhecimento outrora vivido e que as suas memórias podem enriquecer a experiência de vida dos participantes do projeto: idosos, alunos e professores. Os resultados mostram que as histórias de vida dos idosos constituem uma representação da sociedade e da realidade e que conhecê-las pode possibilitar à sociedade uma reflexão sobre a vivência em uma ILP, sobre as identidades dos internos, sobre o processo de envelhecimento do outro e de si mesmo e sobre vários problemas vivenciados na sociedade contemporânea.

Palavras-chave

Idosos. Instituição de Longa Permanência. Histórias de Vida.

1. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília, professora dos cursos de Letras e de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Federal de Uberlândia, onde realiza pesquisa com ênfase em: análise crítica do discurso, os gêneros discursivos e análise da constituição/representação das identidades. E-mail: cidotoni@gmail.com.

2. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Federal de Uberlândia e pesquisador nas áreas de Teorias de Comunicação e Cultura Popular e Velhice. E-mail: gerson@faced.ufu.br.

3. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília, professora do curso de Letras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, onde realiza pesquisa com ênfase em: discurso, gênero social, gênero discursivo, identidades e mudança discursiva e social. E-mail: mariaceciliadelima@gmail.com.

4. Acadêmicas do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, bolsistas do projeto Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares. E-mail: lolo_dav@hotmail.com; thaisrodrigues39@yahoo.com.br

Narratives of life: the formation of identity in elderly

Maria Aparecida Resende Ottoni*, Gerson de Sousa**, Maria Cecília de Lima***, Lorraine Cássia Silva de Oliveira****, Thaís Rodrigues Martins****

Abstract

This article presents the partial results of the extension project "Narratives of life: the formation of identity in elderly," which is part of the "Knowledge Connections: dialogues between the university and the popular communities," developed at the Federal University of Uberlândia by the teachers of the courses of Literature and Media (Qualification in Journalism) and the students of the Pedagogy course. Our goal is to give voice to the elderly, hospitalized in a Institution of Long-Term (ILP), allowing them a space to tell their life stories, traveling a path that enables them, in the revival of memories and reminiscences, think about living in a process that involves past, present and new perspectives for the future. So, we aim to contribute to the strengthening of identity and to the elderly group. We believe that, by counting and being heard, the elderly is socializing knowledge once lived, besides that their memories can enrich the life experience of the project participants: elderly, students and teachers. The results show that the elderly life stories constitute a representation of reality and society, and hearing these stories can enable society to reflect on the experience inside an ILP, about the identities of the inmates, on the aging process for the other and for yourself, besides the reflection on the various problems faced in contemporary society.

Keywords

Elderly. Institution of Long-Term. Life Stories.

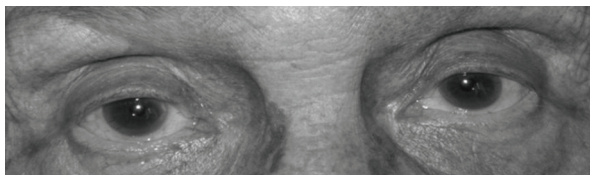
* Doctor in Linguistics at the University of Brasília, professor in the Letras course and in the Social Communication course (Journalism) at the Federal University of Uberlândia., where emphasizes researches about critical discourse analysis, the discursive genders and analysis of the constitution/representation of the identities. E-mail: cidottoni@gmail.com.

** Doctor in Communication Sciences at the University of São Paulo, professor of the Social Communication course (Journalism) at the Federal University of Uberlândia, researcher in the areas of the Communication Theories and Popular Culture and Old Age. E-mail: gerson@faced.ufu.br.

***Doctor in Linguistics at the University of Brasília, Professor at the Letras course in the Institute of Letras and Linguistics at the Federal University of Uberlândia, where emphasizes researches about discourse, social gender, discourse gender, identities and social and discursive changes. E-mail: mariaceciliadelima@gmail.com.

****Pedagogy course students in the Education College at the Federal University of Uberlândia, on an allowance of the project Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares. E-mail: lolo_dav@hotmail.com; thaisrodrigues39@yahoo.com.br

Introdução



Neste relato, apresentamos os resultados parciais do projeto de extensão intitulado “Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos”, que é parte do Programa “Conexões de saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia e aprovado em junho de 2010, por meio do edital nº 11/MEC/SECAD/2009.

O Programa “Conexões de Saberes” (PCS) é uma iniciativa do MEC, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) e sua execução financeira é promovida pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Instituído no âmbito do Ministério da Educação por meio da Portaria nº 01/2006, o PCS/SECAD/MEC tem como eixo fundamental a criação, no interior das universidades, de uma rede de articulação entre os estudantes oriundos de espaços populares em torno de objetivos principais: a) criar condições para a realização de um processo regular de avaliação do impacto das intervenções públicas nas comunidades populares, sobretudo as dirigidas para a infância e juventude; b) formar novos quadros técnicos sociais nesses territórios, capazes de se constituírem como lideranças comunitárias com perfil diferenciado.

O programa possui três eixos norteadores: político-institucional; formação acadêmica e política; interação comunidade e universidade. O primeiro volta-se para a formulação de uma política nacional de ações afirmativas, de

modo que se possa democratizar o acesso e a permanência, com qualidade, de estudantes de origem popular na universidade. O segundo centra-se na formação dos estudantes de origem popular como pesquisadores extensionistas, com condições para atuar em suas comunidades ao problematizar o conhecimento já adquirido pela vivência cotidiana e os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade e no contato com os sujeitos envolvidos nas diferentes ações do programa. O terceiro eixo tem o objetivo de promover a troca e valorização de diferentes saberes e fazeres entre comunidades populares e universidade.

No projeto “Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos” foi desenvolvido um trabalho, junto a idosos internos em uma Instituição de Longa Permanência (ILP), que participam da ação “Saúde bucal e geral das pessoas que se encontram no processo de envelhecimento”, coordenada pela Prof^a Dr^a Terezinha Rezende Carvalho de Oliveira da ESTES/UFU.

Nosso trabalho, voltado para a constituição identitária desses sujeitos, possui como objetivo “dar voz” a esses idosos, possibilitando-lhes um espaço para contar suas histórias de vida, de forma a possibilitar, no reviver de lembranças e reminiscências, pensar sobre o vivido num processo que envolve passado, presente e novas perspectivas para o futuro. A partir da socialização dessas histórias e do falar em grupo sobre elas, pretendemos contribuir para o fortalecimento identitário do idoso e do grupo com o qual trabalhamos.

Acreditamos que, ao contar e ao ser ouvido, o idoso socializa o conhecimento outrora vivido e que as suas memórias podem enriquecer a experiência de vida dos participantes do projeto – professores, alunos e idosos. Além disso, as histórias de vida dos idosos

constituem uma representação da realidade e, nesse sentido, conhecê-las pode possibilitar à sociedade uma reflexão sobre a vivência em uma ILP, sobre as identidades dos internos nessas instituições, sobre o processo de envelhecimento do outro e de si e sobre vários problemas vivenciados na sociedade contemporânea.

Ao final do trabalho, propomos a produção, em parceria com pesquisadores e técnicos envolvidos no Programa Conexões de Saberes, de um livro e um vídeo-documentário para os idosos com as histórias de vida contadas por eles.

No intuito de apresentar os resultados parciais deste estudo, organizamos este artigo em cinco partes. Na primeira delas, "Pressupostos Teóricos", apresentamos discussões sobre idosos apresentadas por estudiosos da área. Na segunda, "Metodologia", relatamos como o trabalho está sendo realizado. Na terceira, "A vez e a voz dos idosos", reproduzimos alguns trechos de entrevistas com os participantes, bem como trechos retirados de diários de campo de bolsistas do projeto. Na quarta parte, "O silêncio também foi ouvido", apresentamos anotações de diário de campo do grupo. Por fim, apresentamos as "Considerações Finais" e as "Referências".

Pressupostos Teóricos

Não se pode negar que uma das inspirações que alimentou as denúncias no Brasil, para quebrar a conspiração do silêncio sobre a velhice, veio da obra de Simone de Beauvoir, "A velhice", lançada em 1970. A discussão intensifica-se em um período em que grupos sociais organizam-se para exigir na luta do presente o direito universal prometido na construção da modernidade. Negros, mulheres, velhos, homossexuais, entre outros, configuram o quadro marginalizado do país. Há outro fator adicionado que se estende do campo do

trabalho para o da comunicação: o advento das Novas Tecnologias de Informação (TICs) acentua, cada vez mais, a marginalização dos idosos.

Em 1975, os espectadores vivenciaram a angústia de Donana⁵, numa encenação teatral que denuncia o estado de abandono dos idosos. A tônica do sofrimento da septuagenária pôde ser identificada por um depoimento perturbador, pronunciado durante o espetáculo: "...a lucidez só me vem agora que perco a consciência". É sintomático que, em outubro de 1999, o drama da velhice marginalizada voltaria a ser retratado no teatro, com o espetáculo "Últimas Luas". A acusação é a mesma: enquanto os velhos não forem tratados com dignidade, a velhice está longe de ser considerada a idade da sabedoria.

Outro trabalho de peso veio com "Memória e sociedade: lembrança de velhos" de Ecléa Bosi. Escrito para defesa de livre-docência, em 1979, o ensaio da professora de Psicologia Social da Universidade de São Paulo (USP) é hoje referência nacional e citado essencialmente pela sensibilidade com que a autora trata a questão dos velhos. Bosi denuncia a gênese da opressão a que está submetida a memória dos velhos. Por meio de relatos de pessoas simples, testemunhas vivas da história, a autora demonstra como os depoimentos são diferentes da história oficial.

Outros estudos reacendem a discussão. O principal efeito da investigação histórica sobre a situação dos velhos em outras sociedades é desmascarar o discurso universal, generalizado, do qual existiu uma época de ouro da velhice e que a atual marginalização é característica de uma sociedade industrial e de informação.

O diagnóstico, nesta retomada sobre a velhice, é que, por meio da memória, da experiência do sujeito marginalizado, a sociedade tem um instrumento para reescrever o passado, dar um novo significado ao presente e iluminar o caminho do futuro. Entretanto,

5. O espetáculo "Donana" foi uma das formas de expressão no Brasil para denunciar a marginalização dos velhos. Desde a estréia, em 1975, o espetáculo rompeu as fronteiras para ser apresentado e reconhecido, sendo agraciado com prêmio internacional.

a marginalização do idoso que se acentua no campo da informação mostra a urgência de uma transformação social. A meta que se estabelece orienta o discurso de que a sociedade precisa planejar a construção de um futuro que valorize a experiência do idoso. O objetivo é inseri-lo na modernidade.

Os efeitos de uma sociedade modulada pela informação são denunciados por todas as esferas sociais. Bosi revela como o idoso sofre com esse processo ao denunciar a ausência da troca de experiência.

Hoje não há mais conselhos, nem para nós nem para os outros. Na época da informação, a busca da sabedoria perde as forças, foi substituída pela opinião. Por que desprezar com esforço a verdade das coisas, se tudo é relativo e cada um fica com sua opinião? (BOSI, 1994, p. 85).

Há outro ponto que a autora acrescenta ao debate: a desmemorização da sociedade provocada pela massificação. A discussão sobre memória está orientada no contexto defendido por Maurice Halbwachs, descrito por Marilza Brito no “Caderno da Memória da Eletricidade”, como produto cultural oriundo da relação homem/sociedade.

Assim como o homem possui uma memória, determinada por seu contexto social, o grupo também a possui, não enquanto soma das memórias dos indivíduos, mas como fruto de sua vivência no coletivo. A memória da sociedade é denominada pelo mesmo autor de tradição e esta, juntamente com a do grupo, determina a do indivíduo, pois o homem se define e se constrói pela cultura de seu grupo (BRITO, 1989, p. 19).

Há de se entender a vinculação direta entre o tema memória e o trabalho com a história oral. E imediatamente o seu questionamento, como o proposto no debate do texto “O que faz a história oral diferente”, de Portelli (1997). A pergunta se faz presente: pode-se considerar

como válido a história oral como instrumento para sustentar a pesquisa científica? Será a história oral restrita a uma metodologia? A resposta não pode ser dada precipitadamente, pelo menos sem antes afastar a poeira a ofuscar o entendimento profundo do que está posto em questão. “Parece se temer que uma vez abertos os portões da oralidade, a escrita (e a racionalidade junto com ela) será varrida como que por uma massa espontânea incontável de fluídos, material amorfo” (PORTELLI, 1997, p. 26).

O poder da racionalidade científica está em impedir a disseminação de outros valores. Nega-se o estatuto da história oral precisamente porque está sustentada na visão particular. Ou se analisarmos por outro ângulo: porque historicamente recusa-se a entender o sujeito como histórico. Isto explica o paradoxo: a importância da história oral está exatamente neste aspecto particular, cuja essência é a emoção.

Mas o único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma seção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir (PORTELLI, 1997, p. 31).

A continuação do debate proposto por Portelli revela como as fontes orais vão mais além do que retratar apenas o que o povo fez; mas o que queria fazer, o que acredita estar fazendo, o que agora pensa que fez e o que desejaria ainda empreender. “Pode-se não encontrar nas fontes orais o custo material de uma greve; mas contam-nos bastante sobre os custos psicológicos” (PORTELLI, 1997, p. 31).

Os depoimentos dos velhos sobre temas como a situação política do Brasil, a greve de sua cidade, as mudanças no bairro, os motivos que os conduziram ao asilo, têm outra configuração de valor. As falas são construídas por meio de sentimentos, emoções e se

concretizam na luta em contextualizar a própria existência com a consciência do presente. O pesquisador que se orienta pelo trabalho de história oral tem como preocupação a valorização do sujeito e o desafio de contribuir para a luta hegemônica no plano social.

Ao entrarmos no asilo para realizar este trabalho, com a proposta de dar voz aos idosos, o posicionamento político é sintomático: entender e denunciar as formas de opressão com que o velho pobre defronta-se na construção da sua vida. O relato deixa de ser entendido para além da necessidade de confirmação estatística – como exige as pesquisas quantitativas – e efetiva-se nas dimensões da luta do sujeito no presente. A tristeza, a frustração, o sonho, o pudor de contar, a portas fechadas, a violência ainda perturbada no espírito, mesmo a desilusão do sujeito no presente, longe de identificar o fracasso do sujeito revela, na angústia, a força que o movimenta para definir o sentido e o significado da vida.

E se a opressão do passado provoca desde lágrimas até o esboço do sorriso é porque ela está como instância de luta na formação do sujeito homem no presente. A importância da história oral, por meio da memória marginalizada, está em tornar o indizível em dizível.

Ao aceitar participar do projeto, o homem e a mulher depositam a confiança em seu interlocutor de que sua história de vida alimenta a sociedade. Por isso a denúncia do sujeito não se restringe ao individualismo. Ela se firma como o reconhecimento da história social vivida coletivamente e desvela, pela memória marginalizada, a importância de construir o presente com a força do passado.

O trabalho com história oral contribui para mostrar como a história oficial, imposta muitas vezes na negação da história do outro marginalizado, se irrompe no sujeito. Torna-se, assim, violentador entender a sociedade por meio da história, como singular. A história da sociedade configura-se como plural. No

entanto, para reescrever a história, é preciso ouvi-los. E mais do que isso – como ecoa a voz de Simone de Beauvoir na introdução de “A Velhice”: “eu forcei meus leitores a ouvi-lo” (BEAUVOIR, 1994, p. 12).

Metodologia

Para o desenvolvimento de nosso projeto de extensão, utilizamos a metodologia qualitativa e o método de coleta de dados é a narrativa de história oral de vida (MEIHY, 1996).

O objetivo do trabalho com história oral é investigar como o sujeito, ao narrar sua história de vida, posiciona-se diante da mudança social e de si mesmo. Ao considerar a tensão e o conflito como pontos inerentes ao movimento social, os testemunhos dos velhos possibilitam o entendimento de outras histórias e a consciência no presente.

A história oral possibilita valorizar a emoção do não dito, do até então indizível que, ao encontrar uma oportunidade “sagrada”, uma escuta, possibilita exteriorizar o sentimento negado por longo tempo, frustrado no cotidiano pelo sistema. O depoimento oral se alicerça naqueles valores negados pela racionalidade: o choro, o sorriso, a pausa emotiva para agarrar as forças no momento em que se define como o ideal para reiniciar a luta, até então restringida estrategicamente ao campo interno, a consciência do passado no presente.

Os passos seguidos até o momento foram: a) capacitação da equipe executora do projeto; b) seleção de uma ILP, cujos idosos participem da ação “Saúde bucal e geral das pessoas que se encontram no processo de envelhecimento”; c) contato com a direção da instituição para saber do interesse da ILP em participar do projeto; d) autorização da direção; e) contato com os idosos, para exposição da proposta e para saber do interesse deles de participar do projeto; f) coleta de assinaturas dos idosos ou de seu responsável em termo de

consentimento esclarecido; g) realização de encontros quinzenais, com os idosos, individuais e/ou coletivos, na ILP, com a duração de 2 horas, às sextas-feiras, no período vespertino.

Os encontros estão sendo gravados em vídeo, e o material, transcrito para a produção do livro e do vídeo-documentário, conforme proposta do projeto aprovado.

Participam do projeto treze idosos e, até o momento, foram coletadas histórias de vida relatadas por doze desses idosos.

A vez e a voz dos idosos



Conforme já salientado, ao entrarmos no asilo para realizar este trabalho, com a proposta de dar voz aos idosos, o posicionamento político é sintomático: entender e denunciar as formas de opressão com que o velho pobre defronta-se na construção da sua vida. Ao adentrarmos à instituição, conversamos com os idosos sobre temáticas relacionadas à infância, ao casamento, ao namoro, dentre outras. E, como resultado da dança das vozes, apresentamos, a seguir, algumas amostras das vozes daqueles que, por vezes, gritam sem ser ouvidos e daqueles que lá foram ouvi-los.

Entrevistador: E hoje qual o seu sonho?

6. As duas bolsistas serão por ora designadas como A e B.

Idosa R.: Agora é morrer, né, bem. Esperar Deus me levar. Tenho muita vontade de morrer, que já que a gente não tem os parente, tá acabando tudo, como diz a Vera, a gente não, não tem mais vontade de viver, sabe? Num, filha, não tenho não. Às vezes tem gente que morre de medo de morrer, né? E eu não. A hora que nosso Senhor quiser me levar, pode me levar que eu vou satisfeita, mais satisfeita mesmo.

Eis o que fora anotado no diário de campo da bolsista A⁶, ao ouvir esse depoimento:

Esta fala é da Idosa R. que tem uma história de vida muito bonita. Diferente de muitas outras histórias, teve uma vida tranquila, sem muito sofrimento. Ao final da entrevista, perguntamos a ela qual seria o seu sonho e, com muita firmeza em sua voz e sem pensar duas vezes, ela disse que era morrer, conforme a fala acima. No momento, imaginei que ela queria morrer não por sofrimento, mas sim por solidão, uma vez que ela se sente muito sozinha e, além de ser sozinha, imagino que ela deve pensar que não serve mais para nada e esse pensamento de querer morrer, muitos dos idosos o têm e pelo mesmo motivo. Acredito que tenha, sim, serventia para a sociedade. Uma delas é a de contar sua história de vida para nós.

Outra idosa a nos dar entrevista e a expor as reminiscências de seu passado foi a Idosa L. que nos contou:

Idosa L: Ela fazia (fazendo gestos, imitando a forma como a filha a torturava). Cala filha! Mãe, que isso? (Gestos da agressão) Eu por fim não falava nada. Quando eu chegava machucada nesse colégio, eles reparavam aquilo, mais eu nunca falei. Aí eu não sei se foi eles ou lá nesse lá no colégio lá, onde me tratavam, que me mandaram pra cá. Pra te falar a verdade, eu não sei quem me botô aqui.

Ao ouvir esse relato, a bolsista B assim comenta em seu diário de campo:

Ao envelhecer e ficar sob os cuidados de sua filha, L relata o quanto foi maltratada. Com as agressões, passou a ter medo da filha. Com isso, vejo o quanto ela se sente aliviada em estar no asilo, apesar de não saber quem a levou para o mesmo. A vida de muitos idosos como L é cercada de agressões e falta de compreensão de quem cuida, pois os cuidadores não pensam que, com a velhice, a pessoa fica mais frágil e menos ágil, o que requer mais cuidados e atenção.

A Idosa L continua:

Idosa L: É, filha, é ter paciência. Tenham paciência e muita fé em Deus, porque Deus é o senhor dá nossa vida, ele não nos abandona não. O que a gente tem de passá, a gente passa, mais nunca se desespera. Pensa que nunca tá só, pensa que temos um Deus vivo e poderoso, eterno senhor da vida, Jesus Cristo. Ele veio com a sua glória, se fez criança pra habitá entre nós, pra nos dá vitória, a vida eterna, porque, quando aquele anjo do céu queria ser acima de Deus, ele foi expulso e está por aí e vocês estão vendo o que tá acontecendo? Tão vendo, né, eu falá não? Vendo o que tá acontecendo aí na face da terra? E Jesus Cristo disse que no final vai ficá pior porque vai chegá um ponto que o povo vai ficá numa dificuldade tão grande que, quando se fala, eles não respeita, não tá nem respeitando. Hoje em dia eles mata pai, mãe, filho. Não, não respeita, não respeita que tem um Deus presente, porque Deus está presente. Você crê? Eu sei e eu creio muito que Deus não me abandona não, nunca me abandono. Eu tô assim, mais sei que estou com Cristo e Jesus. A minha fé vai até o dia que ele determiná me buscá. Seja o que Deus quiser. Muito obrigado!

Para a bolsista B:

L se mostra uma pessoa bem religiosa, acredita que, apesar de ter sofrido muito, Deus está presente em nossas vidas. E para termos a ajuda dele basta confiar que ele nos atenderá. Diante dos acontecimentos diários, vemos que pais e filhos vêm se tratando com estranheza; uns não se preocupam mais com os outros, e, nessa fala de L, tenho a impressão de que

ela se espelha em sua própria vida para falar da falta de compreensão e respeito entre as pessoas, principalmente entre pais e filhos.

As anotações no diário de campo são um procedimento largamente empregado em pesquisas qualitativas e contribuem, sobremaneira, para a contextualização e a análise dos dados coletados. E, em conformidade com a proposta do “Programa Conexões de Saberes”, é importante que os alunos participantes do projeto tenham acesso a informações sobre instrumentos de coleta de dados e que passem a utilizá-los no desenvolvimento do projeto, uma forma deles não só registrarem informações sobre o trabalho de campo como também refletirem sobre os dados e, especialmente, sobre o processo de envelhecimento. Esse instrumento foi utilizado pelos alunos e pelos professores envolvidos no projeto.

O silêncio também foi ouvido

Neste momento, descrevemos outras anotações feitas no decorrer da coleta de dados realizada no ano de 2010. Essas anotações não dizem respeito a entrevistas, mas, sim, a observações diversas sobre o que se viu na ILP e sobre o contato com os idosos.

Hoje foi a primeira visita aos internos do Asilo São Vicente de Paulo (Uberlândia, MG). As impressões são tantas que é difícil colocá-las no papel. Mas eis uma tentativa.

Os idosos, reunidos na sala de TV, nos dão lições. Vários deles, com sua necessidade de falar, contam suas experiências vividas: boas e más; alegres e tristes, cada um manifesta sua vida na tentativa de reconhecer-se, de recuperar-se enquanto sujeito. Mas, nem sempre o fio da memória consegue resgatar tudo o que fora vivido.

Todos os idosos, contam seus sonhos, suas dificuldades. O sonho de ainda casar-se, a

dificuldade com a integração com os parceiros de “encarceramento” – o que significa para alguns estar ali, o que os leva ao sonho de sair do asilo.

Nesse encontro, a Idosa I mostra seu gosto pelo vermelho, a sua feminilidade ligada ao batom, sempre presente em sua boca marcada pelos veios da idade, das experiências vividas em décadas.

Idoso G, figura ativa que faz dos fios dos tapetes que tece os fios de sua vida e a forma de se manter ativo. Ir às lojas buscar retalhos, buscar o pão que é servido na instituição, estar ativo, viver a plenitude do que ainda pode fazer.

Idosa G que, depois de sair da casa alugada onde morava com seu cachorrinho, encontrou ali algumas amiguinhas com as quais briga, o que a mantém, segundo ela, triste e agitada. Mas, aos meus olhos, a mantém viva, e às coleguinhas também. Briga que marca uma ligação com as briguinhas da infância e que, agora, com o tempo vivido, tem um ar de coisa grande, coisa que dá medo, coisa sem solução, mas que dá uma coceirinha!

Idosa N: bem, esse caso é a parte. Com sua toquinha bege, ela conta as suas agruras, o que nesse ambiente é comum contar, imaginar. As histórias dos filhos, das coisas feitas e das não feitas e que causam certo arrependimento. Idosa N foi levada para lá, para ILP, pelo conselho tutelar por ter adoecido e ter sido considerada sem condições de viver sozinha. Apesar dos filhos, ela está lá.

Idoso S: jovem, porém, o AVC o colocou impossibilitado. Novo, ainda pensa em se casar, assim como a Idosa M, outra interna. Mas, para ele, ela é velha!

Idosa M, com as marcas de sua religiosidade, canta um hino da igreja Congregação Cristã do Brasil. Leitora assídua, Idosa M sempre lê. E no seu quarto, tem orgulho de mostrar seus livros.

Idosa A, vida tecida junto com as roupas das

bonecas que guarda em seu quarto, para quem tece roupas e histórias. Os problemas de dicção não me deixam entender o que ela fala, mas o que seus olhos dizem, a gente entende.

Idoso C, aos 92 anos, tece a vida em versos. Nesses versos, ele conta o dia a dia do asilo.

Idoso J, com alguns dedos dos pés amputados, anda com sua prótese, a cadeira de rodas, que maneja muito bem e lhe dá mobilidade.

Até então, ao ter esse contato com todos eles, percebemos que a todos sobram histórias e carências e que, ao contarem-nas, resgatam-se enquanto sujeitos, donos de suas vidas vividas e mostram que a vida de agora já não lhes pertence.

Considerações Finais



Acreditamos ter atingido o objetivo deste trabalho: apresentar os resultados parciais do projeto de extensão intitulado “Narrativas de vida: a constituição identitária de idosos”. Acreditamos, ainda, que, com o desenvolvimento deste projeto, estamos dando vez e voz aos idosos internos do Asilo São Vicente de Paula, em Uberlândia, e contribuindo com os três eixos norteadores – político-institucional; formação acadêmica e política; e interação comunidade e universidade – do “Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”.

Nos encontros realizados nessa ILP e nos realizados na UFU, estamos constantemente trocando saberes, repensando o nosso fazer, o nosso ser e o nosso envelhecer. Ao mesmo tempo, os idosos e as idosas, ao contarem suas histórias, experienciam um repensar sobre o sentido da vida no presente, a partir do testemunho e da consciência do vivido no passado.

Os seus testemunhos, ao serem disseminados, permitem à sociedade analisar como as decisões e escolhas tomadas no decorrer da existência são definidoras da construção de identidade do sujeito.

Ninguém planeja na infância ir para o asilo na velhice. Assim como poucos pensam sobre o sentido de ser velho e da velhice.

Um dos caminhos para que o sujeito estabeleça significado para todas as etapas da sua vida é romper com o imediato do cotidiano. Ao sentir e pensar sobre a sua realidade, outros homens e mulheres podem estar na velhice sem a angústia da surpresa dos caminhos tomados pela própria vida. Esperamos que, com esta breve amostra do trabalho, possamos também sensibilizar outros a repensarem sobre como a nossa sociedade reflete a velhice.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Marilza. **Memória e cultura: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil**. Rio de Janeiro, 1989 (Caderno da Memória da Eletricidade).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral: pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**, PUC-SP, n. 14, fev. 1997.

_____. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**, PUC-SP, n. 14, fev. 1997.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Orgs.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SOUSA, Gerson de. **Memória e velhice: entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ao narrar a história vivida**. 2008. 244f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. **A experiência de estudantes da terceira idade no Projeto Universidade Aberta da USP**. 2003. 241f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

Submetido em 30 de março de 2011

Aprovado em 11 de maio de 2011